

HUMANIZAÇÃO E CIDADANIA NA ESCOLA: DIÁLOGOS CONSTRUÍDOS COM PROFESSORES(AS) DE UM MUNICÍPIO DO RIO GRANDE DO SUL

Autor: Camila da Rosa Parigi¹

Natália Werle²

Paola Maciel Vianna³

Orientador: Prof. Dr. Celso Ilgo Henz⁴

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo apresentar reflexões e ações do projeto de pesquisa ação “Humanização e Cidadania na Escola” que vem sendo desenvolvido desde o ano de 2007 pela Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, sob a coordenação do Professor Dr. Celso Ilgo Henz. Pensando em uma educação que ultrapasse os muros das escolas e as barreiras excludentes de uma sociedade capitalista globalizada, objetiva-se desenvolver espaços de escuta, diálogos e amorosidade com professores e professoras da rede pública do município de Santa Maria e região – RS. Com encontros sistemáticos de estudos e reflexões sobre a escola e as práticas educativas, educadores(as) se (re)(des)constroem e *dizem sua palavra*, vivenciando processos de humanização e vivências de cidadania.

Palavras Chaves: Humanização, Cidadania, Escola, Formação

Continuada

INTRODUÇÃO

O presente artigo é um relato do Projeto “Humanização e Cidadania a Escola”, que vem sendo desenvolvido desde o ano de 2007, pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, em escolas públicas municipais e estaduais de Santa Maria - RS e região; sob a coordenação do Professor Dr. Celso Ilgo Henz. Este trabalho caracteriza-se por ser um recorte que se propõe trazer diálogos e experiências vividas com os professores de um município próximo a Santa Maria - RS. O projeto tem como objetivo investigar e oportunizar a criação de processos de humanização e vivências de cidadania, visando identificar os limites, desafios e possibilidades.

Para isso, iremos contextualizar nos próximos parágrafos a realidade escolar, seguindo uma perspectiva freiriana, de que não podemos dialogar sobre a educação sem antes situarmos em qual contexto politicoeconômicosocial ela está inscrita.

As transformações técnico-científicas, econômicas, políticas, sociais e culturais que vem configurando uma sociedade globalizada e neoliberal, afetam e reconfiguram também a escola como instituição social e educativa, desafiando-a duplamente no

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia Diurno- Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Bolsista FIPE do Projeto Pesquisa Humanização e Cidadania na Escola.

² Acadêmica do curso de Educação Especial Diurno- UFSM.

³ Acadêmica do curso de Educação Especial Diurno- UFSM.

⁴ Professor associado do centro de Educação- UFSM, coordenador do Projeto de Pesquisa Humanização e Cidadania na Escola.

paradoxo de educar para a cidadania e humanizar, ainda, ser capacitadora de habilidades e competências, com finalidades para o mercado. Desta forma modificam-se os contextos, sujeitos, as ações, objetivos, interesses e valores da escola (LIBÂNEO,2003). Isto desafia também aos processos de formação inicial e continuada de professores, bem como nos provoca a encontrar outras maneiras de mexer com as emoções, sentimentos, sonhos e vivências das pessoas.

Para tanto, é importante pensarmos na escola como um contexto de aprendizagens, um espaço-tempo de vivências e experiências significativas que ajudam na (auto)constituição intersubjetiva de homens e mulheres livres, conscientes e autônomos, e não determinados pelos fins meramente produtivos e consumistas da sociedade capitalista neoliberal globalizada. Para participar da (re)construção de uma outra escola possível, a partir de cada contexto e com cada sujeito que dela faz parte, é preciso desencadear processos e espaços-tempos de debates, reflexões e diálogos com professores, alunos, pais e comunidade; desta forma, estar-se-á promovendo ações proativas que objetivem uma educação humanizadora, que valorize a pluridimensionalidade do ser humano, ajudando-o a *ser mais* mulher e homem (FREIRE,1979a).

Desse modo, desde junho de 2011 foram desenvolvidos os encontros de formação continuada com aproximadamente 90 professores dos sistemas municipal e estadual de ensino em um município próximo a Santa Maria-RS, o que ocorreu até o mês de junho de 2012. Foram promovidos diálogos-problematizadores e afetivos, proporcionando a cada educador(a) ir se descobrindo como inacabado(a), em processos permanentes de (auto)(trans)formação. Assim, procurou-se ao longo desse ano desafiar a busca por meios de reflexão e transformação sobre os cotidianos das salas de aula e da escola, bem como sobre o resgate da *genteidade* de educadores(as), educandos(as) e acadêmicos(as).

Acreditamos que os processos de formação continuada se desenvolvam a partir da escola para a comunidade, de modo que partindo dos problemas encontrados sejam propostos diálogos e ações para a construção do novo e diferente. Para isso é necessário que professores, escola e comunidade assumam suas funções, enquanto produtores de conhecimentos e saberes, em meio a uma sociedade de informações, onde se busca, a partir do contexto social, político e econômico, reassumir a identidade docente e da escola como sujeitos e instituição em (auto)(trans)formação inacabada e consciente, também por meio das práticas educativas. Assim aprendemos com Freire (1979b, p.79): “ninguém educa ninguém e, tampouco nos educamos sozinhos; somos mediatizados pela cultura e nos educamos através das

trocas e experiências com os colegas, alunos e, os que chegam de fora para aprender e ensinar”.

METODOLOGIA

Metodologicamente, o projeto de pesquisa “Humanização e Cidadania na Escola” fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, no qual se busca criar um espaço em que os pesquisadores compartilham experiências, para reconstituir os sentidos que os sujeitos dão a ela; todos os participantes caracterizam-se como atores e construtores de conhecimentos e práticas que sirvam para intervir no problema levantado (CHIZZOTI, 2006).

Assim, o projeto questiona como se dão os processos de vivências humanizadoras e cidadãs para educadores(as) e educandos(as), e quais as contribuições da formação continuada para os mesmos. Com os sujeitos busca-se interpretar as diferentes vivências e processos de escolarização; para tanto, parte-se das vivências e experiências dos participantes, onde os procedimentos, técnicas e referências não são determinadas de imediato, mas são discutidas e (re)(des)construídas com os sujeitos participantes do projeto. Pois, acredita-se que as metodologias não se definem apenas pelas técnicas, mas sim pelos contextos e pelas conexões entre o problema levantado e os sujeitos da pesquisa.

Tomando como enfoque a perspectiva hermenêutica, deu-se preferência ao processo investigativo enquanto pesquisa ação, pelos seus aspectos eminentemente construtivos e dialéticos com vistas à transformação. A presente pesquisa se constituiu como um processo de educação e (re)construção de conhecimentos a partir da indagação auto-reflexiva e intersubjetiva, que prevê o envolvimento de todos os sujeitos em ações prospectivas, procurando “vê-los” e “ouvi-los” na sua complexa multidimensional totalidade humana; os saberes e as ações se interrelacionam, possibilitando a todas e todos deparar-se e assumir-se como produtos e produtores da própria história.

Trata-se de um método, ou de uma estratégia de pesquisa agregando vários métodos ou técnicas de pesquisa social, com os quais se estabelece uma estrutura coletiva, participativa e ativa ao nível de captação de informação. A metodologia das ciências sociais considera a pesquisa-ação como qualquer outro método. Isto quer dizer que ela a toma como objeto para analisar suas qualidades, potencialidades, limitações e distorções. (THIOLLENT, 1986, p.25)

Em um processo contínuo de (re)(des)construções a partir das leituras, vivências e práticas, foram agregados diferentes dinâmicas, procedimentos e estratégias, estabelecendo um espaço coletivo, participativo e ativo em que os

envolvidos planejaram e refletiram sobre meios e ações para atingir os objetivos do projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Consideramos que vivemos em contextos culturais e históricos em permanente transformação, e que as crianças, jovens e adultos participam igualmente desta transformação, sendo também transformados pelas experiências que vivem neste mundo extremamente dinâmico. Diante disto, pensamos ser de extrema importância os contextos educativos darem-se conta das mudanças que ocorrem na sociedade; para isso é necessária a superação de uma visão meramente conteudista da escola, tornando as escolas *entre-lugares* de vivências de sentimentos, sonhos e ações que mobilizem e façam dos conteúdos pontes, meios para a construção de relações interpessoais e interculturais, para a compreensão e transformação da vida na totalidade da trama complexa das suas múltiplas dimensões.

Muitos corredores e salas de aulas acabam sendo vistos como espaços de castigos, temores e assombrações, quando poderiam e deveriam ser ambientes de encontros, de diversão, trocas de vivências, experiências, carinho, resgatando o “amar e brincar” como “fundamentos esquecidos do humano” (MATURANA, 2004). A educação com um caráter (auto) (trans) formador deve possibilitar e propiciar que a mulher e o homem sejam sujeitos de suas histórias, que vão se fazendo e refazendo a partir dos conhecimentos construídos historicamente por si e pelos outros.

Dentro da sociedade a educação tem um papel fundamental e transformador, podendo ajudar a mudar a realidade que nos cerca, de maneira que sejamos agentes ativos nesta transformação; para tanto precisamos nos assumir como mulheres e homens, e como profissionais professoras e professores conscientes e coerentes nos discursos e práticas, vivenciando a cidadania e a humanização com os nossos interlocutores, tanto na escola como na sociedade.

Essa educação ultrapassa o puro ensinamento de conteúdos e métodos sem sentido, sem interconexões; ela abrange os processos de ser e tornar-se gente para viver na sociedade atual. Tendo em vista uma aprendizagem significativa com características do tempo e espaço no qual os educandos estão inseridos, deve-se buscar proporcionar momentos onde o (a) educando (a) (re) constrói o conhecimento, e forma conceitos concretos sobre o mundo, possibilitando sua interferência no meio em que vive e a construção de sua história e da história da sociedade.

A partir desta visão de uma educação a serviço das necessidades e possibilidades do homem, educandos, educadores e comunidade caminham juntos convivendo, cooperando, dialogando, para que a escola se constitua num espaço-tempo onde cada mulher e cada homem possa *dizer a sua palavra* na inteireza do seu

corpo consciente (HENZ, 2007). Ao chegar na escola, muitas crianças, jovens e adultos já estão condicionados pela mídia e o desenvolvimento de uma sociedade capitalista globalizada; e, muitas vezes, submetidos a vivências desumanizadoras e sem condições de vida, apenas de sobrevivência. D’outra parte, Henz (2007, p. 150) nos lembra que “todos (as) já ‘vêm sendo gente’; sabem, sentem, sofrem, amam, vibram, imaginam, criam, falam, pensam, amam, adivinham, sonham... por que vêm se fazendo gente.”

Daí a importância de aprendermos a ouvir, sentir e compreender o outro, o que supõe a sensibilidade e a sintonia com a vida e com a multidimensionalidade do humano. Nesse sentido buscamos ajudar nossas escolas (de educação básica e ensino superior) a se tornarem espaços-tempos de vivências significativas, de cidadania e *genteidade* enquanto parte constituinte de uma sociedade. Nas palavras de Arroyo (2001, p.98) “Trata-se de outro foco, o desenvolvimento pleno do ser humano em suas múltiplas capacidades e linguagens, a construção de identidades e diversidades”.

Esperamos que a escola e os docentes oportunizem e façam acontecer uma educação para a cidadania, onde os alunos sejam tratados como cidadãos e cidadãs e o trabalho escolar seja assumido como garantia de acesso aos conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade, para que com e a partir dos conhecimentos já estruturados os educandos consigam (re) criar e (re) construir os lugares onde vivem, (auto) (trans) formando suas próprias trajetórias de vida.

Ao chegarmos aos espaços de formação continuada, percebemos que muitos professores e professoras vivem práticas fechadas, priorizando meramente o aspecto cognitivo dos educandos, sem considerar que elas e eles aprendem com o corpo inteiro: sentimentos, emoções, tristezas, sonhos, esperanças, medos, vibrações... Antes mesmo de trabalharmos como educadores(as), teríamos que assumirmo-nos e trabalharmos como homens e mulheres, resgatando em nós e com os(as) educandos(as) a amorosidade, o afeto, a atenção e o reconhecimento; assim poderíamos nos sentir – e fazer com que meninos e meninas nos descobrissem – como homens e mulheres que sonham, sentem, pensam e agem para ajudar a transformar realidades. Acreditamos que ao escutar, olhar, e oportunizar a professores (as) um olhar reflexivo sobre o seu próprio trabalho e experiências de vida, podemos ajudar a (re) construir e compreender essas tramas de relações entre educação, cidadania e humanização. Daí que:

Lembrar-se da escola, daquilo que os professores nos proporcionaram podem ser coisas boas ou ruins. Eu me recordo muito de quando estudava nas séries iniciais, acredito que por isso

tenho mais prazer em trabalhar com os pequenos, pois trabalhar com os pequenos é mais gostoso, os maiores são resistentes.(Relato de uma professora durante o encontro)

Segundo Maturana (2001, p. 22), “não há ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível”. Com as falas e desabafos compreendemos que a ação pedagógica dos(as) professores(as) está diretamente ligada com as vivências e experiências passadas, principalmente as que se referem ao seu tempo escolar; à medida que se pronunciavam e identificavam imagens e auto-imagens” (ARROYO, 2001), começavam a sonhar e criar novos percursos e caminhos para suas práticas. Nos diálogos-problematizadores sobre as lembranças de quando frequentavam as escolas, todos iam contando suas histórias e lembrando de vivências e sentimentos, principalmente situações que os(as) constrangeram, causaram medo ou alegria, admirações, vibrações ou tristezas. Isto nos remete às palavras de Souza (2007 p. 91): “toda a aprendizagem parte de um significado contextual e emocional”.

O projeto de pesquisa ação “Humanização e Cidadania na Escola”, através dos processos coletivos de reflexões, fez-nos descobrir profissionais que se dispõem a assumir-se também como gente; gente que aprende, sente, vive...; que com suas práticas e experiências se constroem e (re)constroem como homem e mulher, como educador e educadora vivenciando, ensinando e aprendendo com os(as) educandos(as). Inspirados nas palavras de Freire:

Nos movemos no *contexto concreto* de nosso trabalho, em que as relações entre *a prática* e o *saber da prática* são indicotomizáveis. Mas, mesmo que indicotomizáveis, no contexto prático, concreto, não atuamos o tempo todo epistemologicamente curiosos. Fazemos as coisas, porque temos certos hábitos de fazê-las. Brinda que, assumindo a curiosidade típica de quem busca a razão de ser das coisas mais amiúde do que na situação descrita da experiência na cotidianidade, preponderantemente não o fazemos. O ideal na nossa formação permanente está em que nos convençamos de, e nos preparemos para, o uso mais sistemático de nossa curiosidade epistemológica. (FREIRE, 2001, p.70)

A educação, então, vai assumindo um novo papel na sociedade. Vai sendo assumida como um processo de convivência e transformação da maneira de viver na sociedade (e na escola), em sintonia com o(a) outro(a), reconhecendo-o(a) na sua singularidade e diferença; com a dialeticidade da prática e do saber reflexivo e proativo sobre a prática nos (re)encontramos como mulheres e como homens, profissionais e cidadãos, refletindo e reconstruindo nosso modo de ser enquanto *sentir/pensar/agir* (HENZ,2007) na sala de aula e nos diferentes grupos sociais.

CONCLUSÕES

O projeto vem contribuindo para que as escolas não se tornem espaços-tempos de perda de sonhos, emoções e inteligências. Mas sim, um lugar e um tempo de vivências significativas de cidadania e genteidade, enquanto parte constituinte de uma sociedade mais justa e humanizada. Nesse sentido a educação para a conscientização visa ajudar a transformar o mundo que condiciona a homens e mulheres, através da ação-reflexão, da práxis de ser e se recriar a partir da leitura do mundo e leitura da palavra, propiciando processos nos quais os sonhos, a afetividade, o diálogo, a reflexão, a criação, a criticidade e a criatividade transformam-se em novos projetos de educação, de sociedade e de vida. Assim, permanentemente (re) construímos e refazemos o mundo que nos segrega ou nos inclui, de modo que a conscientização no mundo e pelo mundo vem a ser "...um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo" (FREIRE, 1997, p.15). Mais: trata-se de ser e de nos assumirmos no e com o mundo em (re) (des) construção, numa práxis comprometida com as possibilidades do *ser mais*, em um processo de (auto)(trans)formação. Para Henz:

Não se trata de primeiro criar escolas de conscientização para preparar pessoas que ali aprenderão como, depois, transformar a sociedade. É na práxis e na reflexão sobre a luta que a tomada de consciência se aprofunda enquanto processo de conscientização, implicando sempre mobilização e movimento transformador. (HENZ, 2007, p.153)

Desta forma, ser crítico e assumir ações comprometidas com a transformação e a mudança é (re) construir-se como seres históricos, condicionados mas não determinados, que se constroem e reconstroem a partir de reflexões, sonhos e utopias. Ou seja, "a conscientização nos convida a assumir uma posição utópica frente ao mundo, posição esta que converte o conscientizado em 'fator utópico'" (FREIRE, 1997, p.16); no momento em que buscamos algo, sonhamos com algo, que vai se transformando em projeto coletivo enquanto utopia, para o que precisamos ter uma leitura crítica do conhecimento e do mundo para *ser mais*, e assim sonhar mais e nos engajar mais na transformação da realidade que *coisifica* a homens e mulheres, tanto nas escolas como na sociedade.

O projeto "Humanização e Cidadania na Escola" vêm sendo um espaço-tempo de estudos, pesquisas, formação continuada e diálogos no sentido de resgatar e (re)construir uma cultura e uma educação humanizadoras; o diálogo-problematizador e

a amorosidade são essenciais, com a pretensão muito além de formar e construir para o mundo, e sim com o mundo e com os(as) outros(as) (re)descobrir a genteidade e cidadania de cada sujeito participante, de cada criança, adolescente, jovem ou adulto. Acreditando em práticas de possíveis transformações e numa educação humanizadora, o projeto vem dialogando e refletindo a partir das obras de Paulo Freire, ajudando a todas e todos a se (re) descobrirem e assumirem como mulheres e homens sujeitos da própria história, na escola e na sociedade, com condições de *gostar de ser gente* (FREIRE, 1997).

Consideramos que a construção de uma escola, com projetos e práticas que prezam a humanização e a cidadania, consiste em se comprometer com a sociedade e com os sujeitos que nela se inserem, possibilitando resgatar relações interpessoais dialógicas e afetivas, desenvolvendo a criticidade, a imaginação, a criatividade, o sonho, a utopia a esperança, enquanto “conscientização” e participação na organização de uma cultura democrática e humanizadora do/no/com o mundo e os (as) outros(as).

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. Ofício de Mestre. Imagens e auto-imagens. 3ªed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2001.
- CHIZZOTTI, A. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- FREIRE. P.; Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 6ªed. RJ: Paz e Terra, 1997.
- _____. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire / Paulo Freire; [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979a.
- _____. Pedagogia do Oprimido. 25ª ed. RJ: Paz e Terra, 1979b.
- _____. Professora Sim, Tia Não. Cartas a quem ousa ensinar. 11ªed. SP: Olho d'Água, 2001.
- HENZ, C. I. Na escola também se aprende a ser gente. In.: HENZ, C. I; ROSSATO, R. (orgs). Educação Humanizadora na Sociedade Globalizada. Santa Maria: Biblos, 2007. p. 149-166.
- LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. (Orgs.). Educação Escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003.
- MATURANA R., Humberto. Cognição, ciência e vida cotidiana/ Humberto Maturana; organização e tradução Cristina Magro, Victor Paredes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- _____, Humberto. Emoções e Linguagem na Educação e na Política. 2ªed. Belo Horizonte/MG: Ed. UFMG, 2004.
- SANTOS, J.C.F. Aprendizagem significativa e ação docente: em busca de um fazer coerente. In.: HENZ, C. I; ROSSATO, R. (orgs). Educação Humanizadora na Sociedade Globalizada. Santa Maria: Biblos, 2007. P. 84-96.
- THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa ação. São Paulo: Cortez Editora, 1986.